
RESENHA DE *A VIDA DAS ÁRVORES* (OLHARES, 2022), DE FRANCIS HALLÉ

*REVIEW OF A VIDA DAS ÁRVORES (OLHARES, 2022), BY
FRANCIS HALLÉ*



Dossiê

Imaginários Botânicos

Organizadoras:

Dra. Fabrícia Wallace Rodrigues



Dra. Isabel Kranz



Dra. Maria Esther Maciel



v. 31, n. 60, dez. 2022

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 08/11/2022

Aprovado em: 17/08/2022

Distribuído sob



Resenha de

Anne Louise Dias

anne.ldias@gmail.com

Doutora em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de Pós Graduação em Literatura - PósLit - da Universidade de Brasília (UnB). Durante a pesquisa de doutoramento, dedicou-se a analisar os textos da escritora brasileira Hilda Hilst, refletindo sobre sua biblioteca interior, essa biblioteca imaterial composta das leituras da autora. No mestrado, como pesquisadora bolsista CAPES, realizou um projeto na área de Literatura Comparada com base nas obras da escritora francesa Gabrielle Wittkop. Bacharela e Licenciada em Letras - língua francesa e respectiva literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Também Licenciada em Letras Português e respectiva literatura pela mesma universidade. Com preferência por abordagens transdisciplinares, atua em pesquisas em torno dos seguintes temas: botânica, intertextualidade, violência, sexualidade, corpo.

Não é necessário se demorar muito nas palavras de Francis Hallé, botânico, biólogo e pesquisador especializado em florestas tropicais, para captar o encantamento que ele sente em relação ao mundo vegetal e, em especial, às árvores. Digo que não precisamos de muito tempo pois é justamente dessa maneira pela qual Hallé abre sua conferência – pronunciada em fevereiro de 2011 na França e agora publicada no Brasil, pela editora Olhares –; ele começa afirmando sua simpatia e sua admiração pelas árvores. A confissão que não passa, na verdade, de um segredo aberto é acompanhada de uma pequena e singela anedota. Hallé compartilha que, uma vez, durante um voo em Teerã, um homem lhe assegura que há um certo receio, em todos os trabalhadores, de estarem provocando algum mal no mundo; “só existe uma exceção”, continua o viajante, “se você planta árvores, tem a certeza de que está fazendo algo de bom”. A manifestação do companheiro de assento de Hallé o comove, mas a presença dessa lembrança também nos revela, acredito, do caminho do texto a ser ainda percorrido e da própria relação mantida pelo botânico para com seu objeto de estudo.

Com efeito, *A vida das árvores* aparece como uma espécie de compêndio de algumas das ideias que já foram previamente defendidas em outras obras do pesquisador, como *Éloge de la plante: pour une nouvelle biologie*, publicada pela primeira vez na França em 1999 e ainda sem tradução para a língua portuguesa, servindo assim como uma breve introdução às anotações de Francis Hallé sobre as árvores e, até um certo ponto, de suas reflexões acerca das plantas de maneira geral. Isso não significa dizer, entretanto, que a curta extensão do texto implique em repetição displicente; a transcrição da conferência de Hallé complementa-se de um segundo momento, chamado “Perguntas e respostas” no qual, confrontado pela plateia, Francis Hallé retifica a definição de árvore proposta em *Plaidoyer pour l’arbre* (2005), também ainda sem tradução no Brasil.

Em conferências e entrevistas, não são poucas as vezes as quais Francis Hallé partilha de memórias pessoais ao discorrer sobre suas pesquisas acerca das plantas. Não é inesperado que recordações irrompam o discurso do pesquisador-viajante que é Hallé; defensor da importância do trabalho em campo e da construção de uma relação íntima com a natureza, Hallé percorreu florestas dos Estados Unidos, de Cuba, do Canadá, da Espanha, do Laos, de Comores, da África do Sul, do Gabão e mesmo a imensidão da floresta amazônica peruana. Essas recordações remontam, no entanto, também a seus tempos de infância, do subir-descer das árvores, do sentimento de liberdade que lhe tomava ao enxergar todo o horizonte que se estende à frente de seus olhos de menino, ou ainda do lembrar de seu pai, agrônomo, conhecedor de plantações e da criação de animais. Sua vida não se separa jamais da vida das árvores, é o que Hallé parece dizer. O narrar dessas lembranças, pequenos rastros do passado do biólogo, ressurgem não apenas como artifício retórico, mas é uma prova de que, para Hallé, a pesquisa científica também se faz pela sensibilidade e pela ternura. De fato, a investigação de Francis Hallé, em *A vida das árvores*, é uma tentativa de dissipar a persistente oposição entre o científico e o poético, o sensível.

Talvez por isso Francis Hallé se interesse tanto pelas palavras do poeta Francis Ponge, que escreveu “Os animais correspondem ao oral; as plantas, ao escrito”, citada diretamente por Hallé em *A vida das árvores*. Enquanto os animais se locomovem, se deslocam, as plantas, as árvores permanecem, esses seres que desafiam a noção do tempo humano, que desorganizam a ideia do ciclo da vida como o entendemos, limitado pela mortalidade que impera no reino animal. Em um outro momento do texto, Hallé vai relembrar de uma distinta árvore, a “Partenon”, que havia sido atingida por um raio na Califórnia e cujos anéis do tronco denunciam sua idade avançada. Ela fora assim apelidada pelos guardas-florestais, pois seus anos superam a idade de construção do templo grego de mesmo nome. Há uma outra árvore, na Tasmânia, que recolhe o total de quarenta e três mil anos, ou seja, ela precede não apenas a civilização greco-romana, mas a própria existência do *Homo sapiens*. Enquanto os animais morrem e as paisagens mudam, as árvores perduram e testemunham a passagem do tempo. As árvores, explica Hallé, só morrem por fatores externos, como a escrita só desaparece com o queimar dos pergaminhos – estes, não nos esqueçamos, eles próprios, descendentes das plantas. Como a escrita, túmulo das palavras, as árvores carregam do presente e do passado, embaralhando os limites da vida e da morte. A afirmação não é, ademais, exagerada: Hallé esclarece a um de seus expectadores que “uma árvore bem grande é, basicamente, madeira morta, uma fina camada viva sobre uma enorme pilha de madeira morta”, ou, logo depois, “as árvores [...] podem estar vivas de um lado e mortas de outro”. Uma árvore saudável pode ter galhos mortos.

É nesse sentido que sua conferência é igualmente um convite a pensar a vida das árvores. É simples pensar a vida dos animais e dos seres humanos, corpos que se movem e se fazem presentes pelos sons de seus órgãos sensíveis. Mas qual vida podemos retirar das árvores se desde a tradição aristotélica atribuímos alma, *anima*, não às plantas, mas apenas aos animais? Acostumamo-nos a conferir complexidade aos organismos capazes de se desloca-

rem, e ignoramos a dimensão dos processos orgânicos realizados dentro e fora das árvores. O que é pensar a vida das árvores? Francis Hallé reconhece, claro, a utilidade das árvores para a vida humana ao mencionar o uso da quina no combate à malária e ao paludismo, ou ainda a aplicação do ginkgo, árvore nativa da Coreia, do Japão e da China e cultivada em abundância no sul da Europa, para melhorar a circulação sanguínea do cérebro. A vida das árvores, no entanto, não pode ser medida unicamente por seu valor referente ao que elas podem oferecer aos humanos. É preciso, segundo Francis Hallé, compreender e outorgar-lhes, sobretudo, autonomia. Se as árvores são esses seres além-tempo, pois tendem à imortalidade, imóveis, elas crescem desbravando o espaço na dimensão de sua superfície ascendente, que, nos termos de Hallé, reúne céu e terra. As árvores, por detrás da aparente simplicidade de suas estruturas, se fixam por meio de um sistema de raízes subterrâneas que mimetizam os galhos e são também capazes de gerar folhas, ambiente ideal para a multiplicação de certos tipos de cogumelos. Além disso, as árvores vivem dentro de uma intrincada cadeia de reações bioquímicas. Escolhendo uma linguagem clara e acessível para explicar tal funcionamento, Hallé demonstra as qualidades desses organismos capazes de se defenderem de animais, de se comunicarem entre si, e de interagirem com o ambiente ao redor. A quantidade de água presente em uma árvore a permite, aliás, como o mar, interagir com as fases da lua, e mais, a emissão de certas moléculas, denominadas VOC (*Volatile Organic Compound*) atua diretamente na formação das gotas de chuva. Assim, discorrer sobre a vida das árvores não se trata de atribuir-lhes características humanas; pelo contrário, para Hallé, é a busca pela compreensão de um sistema orgânico muito mais complexo do que o imaginado. Se a afirmação parece descabida, Hallé não hesita em reiterar: “acho que precisamos admitir que as plantas chegaram mais longe em sua direção do que nós, na nossa”.

Nessa perspectiva, é enternecedor o desejo de Hallé de não apenas refletir sobre o funcionamento desses seres, mas também de des-

mitificar certas ideias negativas sobre as árvores difundidas em textos literários e filosóficos. Parece-me particularmente interessante a vontade de romper com a oposição consolidada por Deleuze e Guattari entre a árvore e o rizoma. Em *Mil platôs* (1980), a árvore é uma figura da filiação, da rigidez da verticalidade, símbolo de uma ordem sistemática e autoritária. A imagem criada por Deleuze e Guattari se explica na contraposição ao rizoma, estrutura que rescinde dessa rigidez. Para Hallé, é impossível pensar a árvore de tal maneira, pois as árvores recusam a violência do totalitarismo; pelo contrário, elas convidam à observação e ao diálogo. É por isso que as obras de Hallé anseiam pela presença imagética dessas árvores. Não por acaso, a edição brasileira de *A vida das árvores* faz ressurgir, ao longo do texto, as delicadas ilustrações de Olavo Costa, que por vezes conversam com as palavras escritas, em outras parecem querer singelamente representá-las.

A conferência de Francis Hallé é, mais do que tudo, uma abertura. Abertura e introdução às reflexões do autor, a uma maneira outra de pensar a ciência, de pensar os seres que compõem a maior parte da biomassa do mundo e que tanto padecem pelas mãos dos humanos, pelo acelerado aquecimento global e pela destruição intencional provocada pela indústria do agronegócio. É também um texto de provocação. Podemos pensar a vida humana sem a vida das árvores? Não obstante, Hallé termina apresentando a hipótese de que, se os humanos dividem um ancestral comum com os primatas, é possível que os humanos também vivessem, nos primórdios, nas árvores. Isso explicaria, por exemplo, a posição dos nossos olhos, perto uns dos outros, característica que permite aos humanos distinguir diferentes profundidades, competência primordial para um habitante das árvores. O questionamento, ainda que não totalmente comprovado, ressona, acredito, com a presença das lembranças de Hallé, ligadas tão intimamente às árvores. Daí a provocação final: como espécie humana, viveríamos em árvores? Viveríamos sem elas?

Referências

D'ALLENS, Gaspard; RICHARD, David. Francis Hallé : « Se libérer du règne de la mesure et renouer avec la sensibilité ». *Reporterre*, Paris, maio de 2021. Disponível em: <https://reporterre.net/Francis-Halle-Se-liberer-du-regne-de-la-mesure-et-renouer-avec-la-sensibilite>. Último acesso em 13 de janeiro de 2023, às 11h43.

HALLÉ, Francis. *A vida das árvores*. São Paulo: Olhares, 2022.

HALLÉ, Francis. *Éloge de la plante: pour une nouvelle biologie*. Paris: Le Seuil, 2015.

HALLÉ, Francis. *Atlas de botanique poétique*. Paris: Arthaud, 2016.

COMO CITAR

DIAS, A. L. Resenha de A vida das árvores (Olhares, 2022) de Francis Hallé. *Revista Cerrados*. *Revista Cerrados*, 31(60), p. 124-127. 2022. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v31i60.46866>